

**Entre zoe e bios, a voz: notas da quarentena de 2020**  
**Between zoe and bios, the voice: notes from the quarantine of 2020**

ESTER MARIA DREHER HEUSER<sup>1</sup>

I.

A palavra de ordem é clara: #FiqueEmCasa.

Fique em casa para achatar a curva e não colapsar o sistema de saúde.

O comando atravessou os sete mares.

Ordem poliglota que nos chegou com um quê de desconfiança e um certo *delay*.

Daí também se ouve, aos berros: #OBrasilNãoPodeParar.

Ordens desencontradas.

Polifonia desconcertada.

Quem escuta não, necessariamente, autoriza a voz de quem fala.

Colapso antecipado: o “ourives do palavreado”<sup>2</sup> e tantos outros não tiveram vez.

II.

“Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 13).

III.

Dedo em riste: “Cala a boca!”.

Um corvo, do passado, retruca: “Cala-boca já morreu”.

A curva ascende.

IV.

Qual ordem seguir? Nalgumas janelas e sacadas, alvos panos; noutras, tra[n]pos verde-amarelo. Mais do que nunca “O Brazil não merece o Brasil/O Brazil tá matando o Brasil [...] Do Brasil S.O.S. ao Brasil” (BLANC; TAPAJÓS, 1978). Na Terra Brasilis, vírus & inépcia, do governo central, deram-se as mãos (sem álcool-em-gel nem água-e-sabão!).

V.

---

<sup>1</sup>Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIOESTE-Toledo/PR. E-mail: esterheu@hotmail.com

<sup>2</sup>Como Dorival Caymmi definiu Aldir Blanc, morto na aurora de 4 de maio de 2020, vítima do COVID-19; considera-se que poderia ter sobrevivido, não fosse a longa espera, na “sala vermelha”, por um leito de UTI.

*Zoe* se impôs à *bios*. Aqueles que escolheram o branco sabem, com nitidez, qual ordem obedecer, à risca: as leis naturais da espécie. Lave as mãos! Alimente-se bem! Durma na hora certa! Não troque o dia pela noite! Tome Sol! Mantenha a imunidade alta! Tudo isso, EM CASA. *Zoe* é imperativa. Única. Singular. Não tem lugar para a pluralidade, nem para a liberdade. Rainha absoluta no reino da Necessidade, nenhum indivíduo da espécie poderá escapar de suas determinações e manter-se vivo. Ela se impõe como vida necessária e não está nem aí para a vontade individual. Simplesmente coage e “regula a vida do corpo, a natureza dos instintos, as leis naturais dos desejos, a necessidade de alimentar-se, a sexualidade, o desenvolvimento biológico, as doenças, o nascimento, a velhice, a morte [...] Pode ser conhecida, preservada e cuidada, porém, na sua essência, tem que ser aceita tal e como a natureza determina que seja” (RUIZ, 2007, p. 264).

VI.

Nada de novo sob o Sol: *zoe* sempre foi condição para todo o resto produzido por *bios*, aquilo que ultrapassa a vida natural e que costumamos chamar “cultura”, na qual estão os nossos modos de viver juntos, seja entre amigos ou em rebanho – nunca antes foi tão real que é disso que se trata, de rebanho, inclusive para a superação da pandemia: será preciso atingir, por contágio ou vacina, a “imunidade de rebanho”. O velho Nietzsche vive.

VII.

Como reinventar uma *bios* a dois, três, ...?

Noves fora, é hora de provar a composição entre as almas que vivem sob o mesmo teto, inclusive os que abrigam pequenos rebanhos: “todo relacionamento deveria ter seus limites absolutos, suas reservas absolutas, essenciais para a existência de uma alma única em cada indivíduo”.

Xi’am, China, bate recorde de divórcios após a “volta ao normal”.

Lawrence, mais amigo de *zoe* do que de *bios*, com sua ética fundada num profundo respeito pela vida instintiva e natural nos lega: “Um relacionamento realmente perfeito é aquele em que cada parceiro admite que há várias regiões desconhecidas no companheiro. Duas pessoas não têm como coincidir em mais do que alguns pontos, conscientemente. Se duas pessoas conseguem simplesmente ficar juntas com uma certa frequência, de tal modo que a presença de uma é espécie de equilíbrio para a outra, essa é a base para um relacionamento perfeito. Ao mesmo tempo deve haver uma autêntica separação” (LAWRENCE, 2012, p. 205).

VIII.

Satisfeitas as imposições de *zoe*, que fazer com as regiões desconhecidas de si mesmo?

Como inventar, no claustro, ao lado de *zoe*, uma *bios* saudável para si?

Que fazer com a obsolescência de *bios*, para que ela não se torne obsoleta?

Ou, como não morrer em vida?

IX.

No Oeste paranaense, resistimos ao EAD.

Ainda.

- Professora, perderemos o semestre?

- ...

[se ficarem os dedos, teremos ganho tanto...]

X.

Docência na obsolescência.

- Ora, ora, como assim? E os artigos por terminar; os projetos de pesquisa por realizar; e os orientandos à porta; a pilha de livros à espera de serem lidos? Vais desperdiçar a oportunidade de aperfeiçoar o aprendizado da língua que já foi posta para escanteio, outra vez?

- Ora, ora, como assim? Fazer de conta que tudo é como antes e que se trata de manter a produtividade? Não, o mundo tal como está, o que se passa ali fora é também da minha conta, não só da responsabilidade daqueles “serviços essenciais” que estão no *front*. Que tenho eu a dar, a mim e aos outros que não compartilham o mesmo teto, capaz de aumentar a potência fisiopsicológica no sentido da grande saúde nietzschiana<sup>3</sup>?

180

XI.

A voz.

A qualidade expressiva do corpo.

Qualidade pura que se diferencia pelo timbre.

Singular (Cf. NOFFKE, 2019).

A minha voz.

XII.

Por ora, livre de emitir palavras de ordem a estudantes, a voz pode acenar em outras cenas. Desviada da cena da aula em que o comando é da voz (Cf.

---

<sup>3</sup> “[...] o tema da grande saúde em Nietzsche, embora não descarte de maneira alguma a saúde do corpo, diz respeito, principalmente, a uma saúde psicológica. Essa saúde psicológica está ligada à ideia de expansão de horizontes e possibilidades da existência humana. Em outras palavras, um modo de existência que dê vazão às possibilidades do ser humano é um modo saudável de existir” (PEREIRA, 2019, p. 116).

AZEVEDO, 2013), esta professora dispensa a audiência e emite sua voz a ouvintes quaisquer, impessoais.

XIII.

Da voz ao ouvido, *Doses literárias*<sup>4</sup> fluem em “labirintos povoados por membranas e cavernas” (AZEVEDO, 2013, s/p).

## Referências

- AZEVEDO, A. C. A. *A voz acena: a presença da voz na cena da aula*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, 2013.
- BLANC, A; TAPAJÓS, M. *Querellas do Brasil* (gravado por Elis Regina no álbum *Transversal do tempo*), 1978.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 2, tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.
- LAWRENCE, D. H. *Estudos sobre a literatura clássica americana*, tradução Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- NOFFKE, A. C. *Devir-criança na filosofia-sintetizador de Deleuze e Guattari*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019.
- PEREIRA, G. F. “A grande saúde em Nietzsche”, *Argumentos*, ano 11, n. 21 - Fortaleza, jan./jun. 2019, p. 116.
- RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. “Paradoxos do biopoder: a redução da vida humana a mera vida natural”. *Revista Filosofia Unisinos*, set/dez 2007, p. 264.

181

Submissão: 11. 05. 2020 / Aceite: 15. 05. 2020

---

<sup>4</sup> Referente ao Projeto áudio-fônico “Doses literárias” que está sendo produzido pela autora dessas notas, disponível no aplicativo Spotify, disponível em: <https://open.spotify.com/show/5BdLCJ6tb4PM7tD9kw9nd6?si=BRArNY88QqaAxLM5cojXmw> e na página do PPG-Filosofia da UNIOESTE (<https://www5.unioeste.br/portaunioeste/pos/ppgfil>).